
MULHER E PODER: A PERSPECTIVA DE ALUNAS (OS) E PROFESSORAS (ES) DO COLÉGIO MODELO LUÍS EDUARDO MAGALHÃES - SALVADOR

Rosivalda dos Santos Barreto¹

RESUMO

Esse texto objetiva por meio das narrativas de educadores (as) e educandas(os) do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães – SSA compreender suas perspectivas a cerca dos papéis das mulheres e homens negras(os) na sociedade soteropolitana. Para tanto revisitarei representações de poder de líderes femininas afro-soteropolitanas e africanas dialogando com intelectuais negras africano-americana indispensáveis neste processo. Utilizo a teoria dos berços de Cheikh Anta Diop para explicar o protagonismo feminino africano estendido às mulheres afro-diaspóricas. Primeiro visibilizarei as falas das (os) professoras (es) e alunas (os) a respeito do feminismo; mulher e poder e representações de lideranças negras. Segundo farei uma síntese biográfica de algumas lideranças femininas africanas, afro-soteropolitanas incluindo as sacerdotisas do candomblé. A metodologia empregada foi a afrodescendente de pesquisa, essa tem como pressuposto o conhecimento específico ligados à história da África e dos afrodescendentes; o racismo antinegro; as memórias e identidades negras com base na história social. Concluo apontando a inexistência, na compreensão das(os) pesquisados da necessidade do feminismo negro, e da memória das lideranças negras por parte das(os) docentes e discentes a não ser por via das notícias veiculadas pela mídia.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectivas; feminismo; memória, poder, mulheres negras.

ABSTRACT

This text aims through the narratives of teachers and students in the Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães - SSA to understand their perspectives about the roles of women and black men (the) society of Salvador. To revisit both representations of women leaders power african-soteropolitanas dialogue with African and black African-American intellectuals indispensable in this process. I use the theory of the cradles of Cheikh Anta Diop to explain the role African female extended to women, african diaspora. First visibilizarei the lines of (the) teacher (s) and students (the) about feminism, women and power and representations of black leadership. According to make a biographical summary of some African women leaders, african-soteropolitanas including Candomblé priestesses. The methodology employed was the descendent of research, this assumption has the specific knowledge related to the history of Africa and of African descent, the anti-black racism, black memories and identities based on social history. I conclude by pointing out the lack in understanding of the investigated the need of black feminism, and the memory of black leadership on the part of the teachers and students not to be via the media reports.

KEYWORDS: Perspectives, feminism, memory, power, black women.

¹Professora da rede estadual de ensino da Bahia. Doutoranda em Educação UFC. Mestrado em Educação UFC. Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela FEBA – Faculdade de Educação da Bahia e em Metodologia do Ensino de Educação Física pela UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Pós-Graduada em História Social e Cultura Afro-brasileira no Programam da Qualificação Profissional da FETRAB – Federação dos Trabalhadores do Estado da Bahia. Email. rosivaldab@bol.com.br.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa e explicitará através das narrativas dos docentes e discentes do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães - Salvador, suas perspectivas sobre mulher e poder. Este colégio se localiza, no bairro de San Martin, periferia da cidade de Salvador, compunha-se na época da pesquisa de 74 educadores e 3000 mil educandas(os) auto-definidas(os) negras (os), morenas(os), mestiça(o), e branca(o). Nessa unidade escolar existia um trabalho pontual sensível para as relações étnico-raciais desde o ano 2000 realizando a Semana da Consciência Negra. 2007 marcou a inserção da disciplina História e Cultura Afro-brasileira no currículo objetivando implementar a lei 10.639/03, porém no ano 2009 com a posse da nova direção a disciplina anteriormente citada foi excluída do currículo escolar. É relevante no sentido de instigar debates relacionados aos estudos de gênero e raça dando suporte para desenvolver trabalhos didáticos voltados para a aplicação da lei 10.639/03.

Evidenciarei sinteticamente a luz do feminismo negro e pensamento de intelectuais negras a importância desse para as memórias de educadoras(es) e educandas(os) negras(os), onde passa despercebida a especificidade de papéis atribuídos as mulheres negras na sociedade. O feminismo negro além de elucidar a dominação masculina, as ações do patriarcado, especifica os pontos fundamentais a serem defendidos pelas mulheres negras, demonstrando a relação de poder, hierarquia masculino/feminino, mulher branca/mulher negra, do racismo, da desigualdade de gênero e raça, incluindo as conquistas das mulheres negras feministas estendidas as mulheres negras não feministas. Segundo (Bourdieu1999, p. 102-105), a dominação masculina ocorre com a submissão e subalternização dos corpos femininos sustentadas e incentivadas pelo aparato do Estado, Igreja e Escola disseminadas na Família em diferentes momentos históricos, creio que construindo concepções que balizam a idéia de natureza/cultura, ciência e religião que justifica a dupla subalternização das mulheres negras apontada por Suaréz (1991), por serem *mulheres* e *negras*, desperte as mentalidades de outras mulheres.

A teoria dos berços de Cheikh Anta Diop fornece pistas compreensíveis dos motivos desta subalternização correlativas as reivindicações das feministas negras, principalmente na forma organizacional e conjunção de força para o enfrentamento das desigualdades de gênero e raça. Esse estudo torna inteligíveis as relações de poder e os papéis determinados para as mulheres negras permeando a sociedade brasileira, deixando permanente a categoria mulata sexualizada Figueiredo (2008, p. 242), mãe-preta, empregada doméstica, ama-de-leite². Isso posiciona a mulher negra num patamar de inferiorização que resulta em (Dominação Simbólica + Dominação Objetiva (física) = Efeito Duradouro) imperceptível nas perspectivas da maioria dos docentes e discentes investigadas(os). Penso que pela distância dos estudos feministas negros brasileiros e do da categoria raça³ da escola, não é visibilizada a importância e necessidade do feminismo negro, por isso os docentes e discentes entendem que todas as mulheres são iguais e seres humanos e o debate não alcança a academia porque no Brasil a ausência das mulheres negras na universidade é absurda como menciona (CALDWELL, 2000). Os significados do feminismo, raça, sexo gênero estão amalgamados nas mentalidades dessas(es) educadoras e educandas(os), que acreditam na existência da discriminação e crêem que isto deveria ser mudado. Mesmo com a amplitude do debate sobre a afrodescendência a discussão não se amplia e esses percebem-na como apenas a descendência de africanas(os).

PERSPECTIVAS DAS (OS) PROFESSORAS E ALUNAS (OS) ACERCA DO FEMINISMO

As teorias feministas surgem para desmistificar a concepção da mulher como segundo sexo deslegitimando a hierarquização masculina. Elege então a palavra gênero evitando confundi-la com sexo. Segundo Stolke (2004) a diferença biológica é

² Estes textos mostram inequivocadamente esta questão. BAIROS, Luiza (1995). Nossos feminismos revisitados *In: Estudos Feministas*. vol. 3. n 2. Universidade Federal do Rio de Janeiro 1992, p. 458-463; CALDWELL, Kia Lilly (2000). Fronteiras da diferença. Revista

Estudos Feministas. Vol.8, no. 2, BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *In: Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, vol. 3, n 2, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, 1995, p. 479-489.

³Essa categoria permeou a discussão que resultou nos direitos das(os) negros(as) brasileiros(as) não bastando, é digno de nota que discutir acerca da afrodescendência é necessário porque extrapola a descendência meramente africana, compreende território, cultura, religiosidade de base africana e conhecimento de um passado africano relacionado com a história do Brasil (DAMIÃO *apud* CUNHA JUNIOR 2007, p. 111).

indeterminante para a dominação masculina por que as condições sociais e culturais impõem tal dominação e são passíveis de transformação, para mim surpreendentemente reveladas no ativismo feminino negro e na crítica desse ao feminismo branco burguês. No caso das mulheres negras todas essas condições explicitadas por Stolke (2004) determinam e corroboram para a sua inferiorização e subalternização por via do capitalismo racista antinegro.

Para as docentes o feminismo é: uma coisa normal; a luta para a valorização dos papéis, busca de direitos por igualdade, posicionamento como cidadãs na sociedade; liberdade de expressão da mulher; expressão de valores e virtudes para ampliar conhecimentos; critério de qualidade de feminino; representação da feminilidade; estilo; granjear reconhecimento de valor no trabalho, como mãe irmã. Quanto ao papel da mulher negra reconhecem não saber, mas acreditam ser igual ao da mulher branca atribuem-no a cidadania, expressão de valores, respeito aos país, ser mãe, dona de casa, comportar-se bem, não sendo mal vista, nem querer ser igual ao homem; se valorizar e buscar valorização do homem por ela, quanto ao feminismo negro e branco não vêem diferença.

Às discentes, no que diz respeito ao feminismo entendem que é uma condição de igualdade entre homens e mulheres, expressão e atitude feminina, lutando em defesa de seus direitos na sociedade. Impondo-o e vencendo, colocando-se no centro do poder, defendendo sua posição ajudando as outras mulheres, tendo uma linha de pensamentos formulados por elas, algo diferente de sexo feminino. Outras o definiram como: a mulher se 'achar a tal', cheia de 'não me toque' mostrar o lado do ser mulher e o sexo de uma pessoa. Acreditam na igualdade de papéis entre mulheres negras e brancas diferenciando o feminismo negro do branco em detrimento da discriminação racial e da desvalorização dos homens e mulheres negras(os) existente na sociedade, raros confirmam o feminismo negro e branco.

Perspectivas de professores e alunos a cerca do feminismo - As docentes concebem o feminismo como movimento sócio-político de luta pela igualdade entre gêneros, objetivando garantir direitos antes restritos aos homens; preconceito inaceitável e

movimento de exaltação a mulher. Os discentes o define como, frescura; o sexo e o gênero da pessoa; vaidade e feminilidade aliada à sensibilidade e sexualidade; cuidadora das coisas; apologia ao sexo feminino, o sexo frágil, sentido apurado de mulher; todas as mulheres de várias etnias; liderança, luta/movimento exclusivo, das mulheres por direitos iguais, protesto, exclusão do ser masculino, oposto ao machismo, movimento em que as mulheres querem mandar em tudo, e separação. Quanto a papéis, a negra dona de casa; branca, madame; homem negro gari e homem branco empresário. Em sua maioria defendem inexistência distintiva entre papéis de homens e mulheres negras(os) e brancas(os), por sua vez acreditam serem todos cidadãos, iguais e filhos de Deus. Alguns assinalam que ambos os feminismos como dois movimentos com diferentes níveis de frescura.

Ante as respostas carece especificar algo sobre o feminismo, gênero e papéis da mulher negra na sociedade. O sistema socio-político-econômico vigente sobrevive da divisão, dominação masculina, por sexo forte(homem) e fraco(mulher); da raça branca sobrevalorizada e negra subvalorizada e subalternizada pelo seu fenótipo fundamentando a dominação simbólica, divisão do trabalho e dos espaços no interior da casa e fora dela por sexo. Para Bourdieu (1999) esta dominação se dá por estratégias que convencem ambas as partes de seus papéis e relação de poder, reitero o Estado, a Igreja, a Escola e a Família validam as relações privadas. Os corpos se moldam a esta forma de dominação, constrói-se uma realidade sexuada, esta divisão se inscreve na objetividade e subjetividade, o masculino é tomado como medida das coisas e os dominados assumem a dominação.

O feminismo é uma posição política feminina que tenta contrariar esta lógica erguendo teoria própria e ser “tolerada”. A princípio se sustentou na teoria marxista, excluindo a discussão de raça permanecendo a de classe e a psicanalítica de Lacan e Freud⁴. O feminismo negro funda-se teoricamente sob autobiografias de algumas intelectuais negras, as quais foram rechaçadas por feministas brancas pela forma particular na sua escrita, além da crítica de Hooks *apud* Sadller⁵, sobre a conversão deste num elitismo

⁴ Discussão aprofundada em SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html.

⁵ SADLLER, Darlene J. **Pós-colonialismo, feminismo, e a escrita de mulheres de cor nos Estados Unidos**. http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/Volume8/Darlenepo-colonialismo.htm.

acadêmico produzindo teorias sofisticadas difícil para o entendimento dos demais. Estas fazem severas críticas ao sistema vigente pela manutenção das relações de poder através do sexismo e racismo.

A naturalização da condição da mulher e negra está explícita nas falas dos educandas(os) e educadoras(es), não diferenciando a condição de negro(a) da cultura que sustenta a superioridade do homem, que subordina e oprime a natureza (mulher). Sobre o sexo podemos dizer que se caracteriza pela diferença biológica macho/fêmea e gênero pelas estruturas que fazem com que a mulher aja de acordo com o que determina as culturas locais. Segundo Shienbinger (2001) o termo gênero tomou forma na década de 70 evitando assim o determinismo biológico; para Scott (1995) uma forma ‘um sentido mais liberal de referir-se a reorganização social entre as relações entre os sexos’. Antes, como aponta Stolke (1990), nestes estudos se verificavam os papéis que variavam de acordo com a cultura *apud* (MOORE 1988). A raça resulta de desígnios científicos e naturais Suárez (1991), logo ser mulher negra na cultura racista propõe, fenotipicamente inferioridade. Por isto estas são reservadas a damas de companhia, ama-de-leite, doméstica, mulata, cozinheira; ainda no século XXI como domésticas, cobradora de ônibus, amantes, enquanto as brancas no período colonial eram destinadas ao casamento, a legítima esposa caracterizando o racismo uma neurose brasileira Gonzáles (1983), acrescento além disto objeto de uso e turismo sexual e prostituta⁶. O corpo da mulher negra é visto simbolicamente como “primitivo, animalístico, mais próximo da natureza, selvagens sexuais” (HOOKS 1995, p. 468-469).

O feminismo branco assinala a insatisfação das mulheres da classe média a condição natural, divina, científica e religiosa de subalternidade de mulher. Caldwell (2000) comparando o feminismo no Canadá, Estados Unidos, Inglaterra e Brasil, demarca a crítica de mulheres não brancas ao feminismo branco por desconsiderar as diferenças entre os papéis de negras e brancas, desta forma os enfrentamentos são diferentes, as negras precisavam se estabelecer pelas condições de mulher e negra, onde a sociedade impõe os

⁶ Condição presente no filme **Cinderela, lobos e um príncipe encantado**. Direção Joel Zito. 2007. Em entrevistas a turistas sexuais e mulheres negras/mulatas domésticas, pobres que são envolvidas na rede de prostituição onde o europeu ainda vê no Brasil o paraíso sexual nas orlas das cidades de Salvador, Porto de Galinhas, Fortaleza e Natal.

papéis subalternos, o desemprego, a desescolarização, onde o racismo e o capitalismo racista à brasileira constroem barreiras sociais impeditivas para a ascensão de mulheres negras. A posição ocupada e direitos adquiridos pelas mulheres brancas os foram porque as negras eram em suas empregadas domésticas, esse fato foi imperativo na estruturação de um feminismo negro específico, com teoria própria desafio surgido nas décadas de 60 e 70. Caldwell (2000) denuncia a ausência da discussão sobre raça apontando que isso limita o movimento e a crença na democracia racial. Outro problema nevrálgico para o feminismo branco é a perda de privilégios das mulheres brancas, visto que o reconhecimento do racismo e igualdade tornaria as mulheres negras suas concorrentes no mercado de trabalho⁷.

Mulher e poder na perspectivas das professoras e alunas - Poder é: realizar o trabalho doméstico, ter capacidade; nasceram com poder, mas não percebem. Não se intimidam, contudo estão longe do poder formal, ratificam sua presença no mercado de trabalho exercendo profissões até então reservadas a homens⁸. Segundo estas a situação atual melhorou pela existência da legislação Na perspectiva das professoras ocorre a inobservância no movimento feminista negro e branco para haver a promulgação de leis que assegurem os direitos das mulheres.

Mulher e poder: perspectivas de professores e alunos – Poder, algo delegado ao homem, exercício de funções, onde poucas ocupam, mas quando ocupam o faz com capacidade, dizem que ‘elas estão no lugar delas e têm o que merecem’. É capacidade de lutar por direitos iguais aos homens, conquistaram o voto e trabalho, além de fazer promulgar a Lei Maria da Penha, acrescentam que na sociedade moderna ainda falta muita luta para as mulheres vencerem porque os seus salários são diferenciados. Outros disseram

⁷ Este pontos são apresentados em o percentuais as seguinte forma: 2,2% técnico, científicos e artísticos negras 5,3% brancas. No serviço doméstico 32,5% negras e brancas 12%. Servente, cozinheiras, lavadeiras/passadeiras 16% e brancas 7,6% negras. BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. In: **Estudos Feministas**. vol. 3. n 2. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ. Rio de Janeiro. 1995, p. 479-489. CARNEIRO, Suely. Gênero, raça e ascensão social. In **Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, vol. 3. n 2. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, 1995, p.544-553. Além da desvalorização social generalizada, porque a mulher branca é o ideal estético.

⁸ Acrescento aqui os argumentos de Bourdieu (112-113) ratificando a condição feminina obediente à lógica do espaço privado, ou seja, doméstico lugar de reprodução (hospitais, escolas, áreas literárias e artísticas entre outras), a masculina o público setor de produção/poder (econômico e de produção).

que elas querem 'se fazer de autoridade', são o sustentáculo da família, no poder é raro, além de que quando ocupam o poder podem 'ser perigo a vista', 'não combina' e 'gasta muito em besteira'.

A relação de poder permeia as relações sociais, não raro quando exercido para dominar, punir, construir impérios, submeter e alienar pessoas. É problemático ao desumanizar, subalternizar e fomentar desigualdade e opressão, segundo Foucault (1975) ele também age ao nível do desejo. O corpo da mulher negra foi violado pelos senhores, produziu a mulata como produto nacional brasileiro e objeto da miscigenação e do planejamento de branqueamento no país. O feminismo negro confirma o poder da mulher negra explicitando os caminhos que conduzem a dupla subordinação, segundo Stolke (2004) existem vários estados que forjaram as mentalidades e justificaram a dominação masculina, estes foram abalados na emergência do feminismo negro e suas teorias desmistificadoras da subalternização feminina. O poder se estrutura a partir da dominação do corpo, mas os efeitos do poder no corpo faz emergir a reivindicação contra o poder, Foucault (1975 p. 83-84), digo que é o feminismo negro.

Implicações da Teoria de Cheikh Anta Diop (1923–1986), e Poder das Mulheres

Negras - Na tentativa de elucidar a dominação e poder da mulher negra escravizada nas Américas e a sua forma reivindicatória trago a teoria de Diop. Essa tese funda raízes na complexidade socio-política-econômica dos dois berços civilizatórios, o setentrional patriarcal e o meridional matriarcal. Segundo Diop, estes berços sobreviveram separados, o primeiro propenso a agricultura, solidariedade⁹, fenótipos diferentes, com sistema matriarcal, despreocupação com o futuro, sem a idéia do pecado original, mulheres e homens eram provedores, o homem caçava e ela geria a agricultura. O segundo com um clima agressivo (frio) para a agricultura, o homem permaneceu demasiadamente na atividade da caça, isto marcava uma estrutura sustentada pela intolerância, patriotismo,

⁹ É importante explicitar que a solidariedade na cosmovisão africana bantu diz respeito à colaboração no sentido mais amplo, isto é, não permitir o desequilíbrio no âmbito social, político, econômico e religioso, dessa forma todos devem ter respeitada a sua humanidade. Esse pensamento sofreu danos profundos com a colonização européia. ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banto**. Secretariado Arquidiocesano de Pastoral. Luanda. 1985.

organização militar agressiva, crença na sociedade privada, organização de cidade Estado. Desenvolveram a xenofobia e a sociedade patricentrada, vivendo sob dogmas filosóficos religiosos dominadores, a mulher em casa aguardava o provedor. Esse berço compreende o outro como estranho, que amedronta, é objeto de repulsa. Os anos 10.000 – 8.000 a.C. corresponderam a uma mudança de clima no mundo inteiro e se chocam os berços diante da probabilidade diversa de sobrevivência e organização social estruturada no berço meridional¹⁰. Por este ângulo a escravidão nas Américas foi maléfica para os africanos, sobretudo para as mulheres negras, que de provedoras passaram a escravas, subalternizadas, inferiorizadas principalmente pelo seu fenótipo, em seu corpo se inscreveu a negatividade desde sua pele ao seu cabelo¹¹, aliada a tentativa de extirpar a sua força e poder matriarcal, reside aí a maior necessidade de submetê-la aos piores castigos no intuito de fazer sucumbir a sua força.

O feminismo negro reivindica o poder das mulheres negras contra a desigualdade étnicorracial, sócio-cultural e de gênero. As feministas negras teorizaram inicialmente sustentada em obras autobiográficas refutada pelas feministas brancas pelo fato de suas escritas ostentarem traços de sua trajetória de vida. As mulheres brancas de classe média reivindicam igualdade perante aos homens, enquanto que as mulheres afrodescendentes e africanas, que na escravidão conviveram com o estupro físico, psicológico e social, coadjuvado com desestruturação familiar entre outras atrocidades, reivindicam além de ocupar cargos masculinos, o poder ancestral inscrito nos seus corpos.

Perspectivas das professoras e alunas acerca de lideranças negras - Aqui identifico como se apresentam os líderes negro-africana ou diaspórica e a proporção de mulheres negras nas memórias do pesquisados. Utilizo os termos Norte-americano, Sul-americano e soteropolitano sem explicitar o termo afro pelo fato de estar buscando verificar

¹⁰ Apesar de refutada por muitos, Moore no seu livro *Racismo e Sociedade* explica as convergências dos estudos de Diop com as teorias de Baechler (1971), Weber (2002), Diop (1978; 1987) e Williams (1975). Vale considerar o grande potencial africano para construção de tecnologias e comércio, apontamentos de aula Gênero, Etnia e Educação na Perspectiva Afrodescendente (Mestrado em Educação, Semestre 2010.2. Faculdade de Educação – UFC).

¹¹ FIGUEIREDO, ANGELA. Dialogando com os estudos de gênero e raça. In: *Raça: Novas perspectivas antropológicas*. Salvador, EDUFBA, (2008), traz considerações importantes quando discute a manipulação dos cabelos para a afirmação da identidade e beleza.

nas memórias a existência de lideranças que não estão na mídia. Por que a escola deve se ocupar de trazer às memórias lideranças que contribuíram para a libertação da população negra na África e diáspora independente do apelo midiático. É possível observar que no grupo de professores citaram a Madre Teresa de Calcutá e ela não é africana. E no grupo de docentes e discentes as memórias não trazem muitos nomes de lideranças e intelectuais negras(os) que lutaram pela independência africana.

As Professoras: Sul-americanas(os): Benedita da Silva, Rita Marley, Olívia Santana, Stella de Oxossi; Lázaro Ramos, Bob Marley, Carlinhos Brown, Milton Santos, Jorge Portugal, Luís Alberto. Representantes políticos e na Liberdade¹² – bairro de Salvador, Afoxés. Africanas(os): Steve Biko, Mandela. Norte-americanas(os): Barack e Michele Obama, Condoleza Rice, Steve Wonder, Malcolm X, Martin Luther King. As alunas citaram: Sul-americanas(os) Taís Araújo, Ivete Sangalo, Preta Gil, Shakira, Olívia Santana, Margareth Menezes, João Henrique, Alexandre Peixe, Vovô do Ilê, presidente do bloco Ilê Aiyê; Gilberto Gil, Olodum, Deni, Loj, Lázaro Ramos, Bob Marley, Zé Bin, Jorge Amado, Evo Morales. Norte-americanas(os) Michele Obama. Beyoncé, Rosa Parks, Britney Spear, Luther King, Michael Jackson.

Perspectivas de professores e alunos a cerca de lideranças negras - Os professores apontam as Sul-americanas(os): Dadá do Feijão, Olívia Santana, Ivete Sacramento, Margareth Menezes; Senador Paulo Paim, Deputado Federal Luiz Alberto, João Henrique, Pelé, Joaquim Gomes Barbosa, Maximiliano Descóredes dos Santos (Mestre Didi), Clarindo Silva, Carlinhos Brown, Edvaldo Brito, Pinheiro, Vovô do Ilê Aiyê, Tatau e Gilberto Gil. Norte-americanas(os): Oprah Winfrey, Barack Obama, M. Jackson, Steve Wonder, Martin Luther King, Samuel Jackson, Morgan Freeman, Michael Jordan, e Malcom X. Africanas(os): Winnie Mandela, Dowling's Sundiata, Salasié, Steve Biko, Drogba, Nelson Mandela e Desmond Tutu, Madre Tereza de Calcutá. Dentre os alunos: Sul-americanos: Preta Gil, Dadá do Feijão, Shakira, Margareth Menezes, Olívia Santana, Negra Jhô, Eliana, Cátia Alves, Rosivalda; Zumbi, Gilberto Gil, Vovô do Ilê, Lázaro Ramos, Márcio Vitor, Vampeta, Ricardo¹³,

¹² Bairro soteropolitano com alta concentração de pessoas negras de onde surge o bloco afro Ilê Aiyê na década de 1970.

¹³ Ricardo é o professor e diretor geral do CMLEM, é a liderança citada pelos alunos.

Che Guevara, João Henrique e Pelé. Norte-americanas(os): Beyoncé, Obama, Bush, Cris Brown, M. Jackson, 50 Cent e Bill Clinton. Africanas(os) Mandela, Drogba.

Candaces¹⁴, mulheres negras: emergindo do silêncio para a memória de homens e mulheres negro-diaspóricas(os) - O potencial bélico-genocida do berço setentrional na conquista de territórios meridionais, com todas as características citadas anteriormente, não silenciou as(os) africanas(os) nem os afro-descendentes na diáspora ao colonizador nem ao seu sistema genocidário para a manutenção da neo-colonização e globalização. As líderes afirmam.

Lideranças femininas Africanas – Sarraounia¹⁵, rainha do povo Azna, atual Níger, na África. No final do século XIX submeteu o exército francês numa investida genocida contra seu povo nesta região, bem como resistiu à tentativa do Islã na conversão dos Aznas. Era temida e respeitada pela sua magia e procedeu com segurança, lucidez, inteligência, democracia e flexibilidade liderando o seu povo. Foi criada por um tutor que lhe dotou de liberdade, principalmente em lidar com seu corpo. Era estratégica na arte militar, social e conhecedora da filantropia, fitoterapia, contracepção e da arte. Sua flexibilidade se destaca pelo respeito imperativo a diversidade, hábito, crenças e valores como a honra, a dignidade, humanidade, solidariedade, e a memória para as gerações futuras. Sua coragem e defesa da honra não temiam a morte, porque as duas são imprescindíveis para manutenção da memória do seu povo.

Kimpa Vita (D. Beatrice), 1682-1706. Profetisa religiosa cristã, no reino do Congo, desafiou os missionários capuchinos quando estes tentavam desestruturar no seu território. Era de família nobre e não admitia a colonização de seu povo. Fundou o movimento Antoniano que sobreviveu a ela e criou a versão africana da oração Salve Rainha¹⁶ ao sabor

¹⁴ Rainhas-mães, mulheres de sangue real que ocuparam papel relevantes e status alto no Reino Cush e Meroe. Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. **Candaces rainhas do império Méroe**. Salvador, v8, p. 7-63. 2008. Esses cadernos são utilizados como material didático na Escola Mãe Hilda, no Curuzu, Salvador Bahia.

¹⁵ A história desta rainha africana pode ser assistida no filme de Med Hondo, vencedor do FESPACO 1987 e no site: <http://en.wikipedia.org/wiki/Sarraounia>, http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.accessmylibrary.com/coms2/summary_0286-36691601_ITM&ei=VtPxSamiNuKMtgly9iuDw&sa=X&oi=translate&resnum=9&ct=result&prev=/search%3Fq%3Dsarraounia%26hl%3Dpt-BR%26client%3Dfirefox-a%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26hs%3DLV2

¹⁶ Esta oração pode ser encontrada no site: <http://arlando-correia.com/140807.html>

de seu movimento anti-colonial, nessa a profetisa afirmava desconhecer o valor da palavra Salve, e de onde procedia as intenções da oração. Desvalorizava a oração, o batismo, o casamento e a confissão e proclamava que o desejo de Deus era a intenção. A oração exaltava Santo Antonio postulando que esse era piedoso e restaurador do Reino do Congo, da porta do céu e declarava estar Santo Antonio sobre tudo, o segundo Deus.

Lideranças Afro-soteropolitanas - Mãe Hilda (1923- 2009) – Sua digina era Jitolu, nome pelo qual Obaluaiyê é conhecido no reino do Daomé. Presenciou a história de opressão do povo negro e do candomblé, sem desânimo. Sua origem religiosa é oriunda dos reinos de Abomey, Benin e Yoruba, atual Nigéria. Recebeu o legado feminino africano desde Mawu, mãe de todos os voduns a Geledés Sociedade Secreta Feminina do Reino Yoruba. Do seu terreiro, Ilê Axé Jitolu emergiram o primeiro bloco afro do Brasil o Ilê Aiyê, a Escola Mãe Hilda e a Band'Erê cujos princípios fundamentais são o entrelaçamento da família, terreiro, escola, comunidade objetivando a ética, religião, educação, direitos humanos, cidadania, auto-estima, orgulho de ser negra(o) que envolveram sua família e a família Ilê Aiyê. Em peregrinação a Serra da barriga a partir de 1980 faz oferenda a Babá Egun em homenagem a Zumbi dos Palmares. O mesmo pensamento integrador africano é partilhado por Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi Iya Odé Kayode, líder do Ilê Axé Opó Afonjá nos mesmos moldes do *Campound*¹⁷. No terreiro existe a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, uma Biblioteca, o Museu Ilê Ohun Lailai - Casa das coisas antigas. Destacou-se ao combater o sincretismo religioso com a Igreja Católica.

Mãe Valnísia de Aiyrá – Originária da Casa Ilê Axé Iyá Nasso Oká (Casa Branca), hoje líder do Terreiro do Cobre. Bisneta de Flaviana Bianc de Oxum, ialorixá que dirigiu esse terreiro desde o início do século XX. Resistiu às turbulências cotidianas e assegura que pós-iniciada sua vida floresceu, principalmente junto a sua família de santo, para ela a religiosidade tem dimensões múltiplas em sua vida. Trabalhou no Colégio Mário Costa Neto, tempo em que assinou contrato com a Bahiatursa¹⁸ e conhece o Benin, Suíça, Costa do

¹⁷ Termo nigeriano que significa residência de famílias consangüínea, lá se reúne várias casas. SANTOS. Juana Elbein dos. **Os nãgô e a morte**: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia. Tradução UFBA. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁸ Órgão oficial do turismo na Bahia.

Marfim e África do Sul. Em 1995 inaugurou o Projeto Experimental de Educação do Terreiro do Cobre, Alfabetização de Adultos com parceria do CEAfro e Fundação Roberto Marinho.

Intelectuais afro-soteropolitanas – Zelinda Barros. Antropóloga, doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos, Mestra em Antropologia e Graduada em Ciências Sociais (UFBA); Especialista em Educação à Distância (SENAC); Pesquisadora Convidada do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO-UFBA); Coordenou o primeiro Curso à Distância de Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras da UFBA, em 2007. É consultora de projetos sociais, tem experiência nas áreas de Antropologia e Educação, com ênfase em Gênero e Relações Étnicorraciais. Atua nas sub-áreas temáticas: Gênero, Mulher, Representações, Relações Étnico-raciais, Cultura Afro-brasileira e Educação à Distância. Vê como maior obstáculo no movimento anti-racista as manifestações ocultas da mestiçagem, suas reflexões partem destas situações e de sua pertença racial. Acredita que as dificuldades do feminismo negro é o enfrentamento da idéia de mestiçagem. Quanto ao poder acredita que a mulher o tem, porém precisa se aperceber disso. Diz que mulheres brancas reclamam das reivindicações das negras por maior espaço e expõe que esta situação “desagrega” o movimento quanto ao gênero enquanto que deixa intocada a relação raça/cor. Dessa forma acrescento que intocada a relação anteriormente citada predomina o racismo antinegro.

Vilma Reis - Graduada em Sociologia e Mestra em Educação FFCH-UFBA, Coordenadora Executiva do CEAfro¹⁹/CEAO/UFBA, Miliante do Movimento Negro e de Mulheres Negras. Seu objeto de investigação recebe o título - Atocaiados pelo Estado – As políticas de segurança implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações (1991-2001). Criou o Coletivo de Mulheres Negras da Bahia (1990). Foi Presidente do Grêmio do Colégio Central, no início de sua militância organizou movimento em prol dos direitos a saúde e educação para a comunidade negra no bairro de Castelo Branco. Organizou o I e II Encontro Nacional de Mulheres Negras e o Encontro Nacional Feminista (1997), assim como o 10º Encontro Nacional Feministas Negras. Fez intercâmbio na Áustria, fundando a Associação de Mulheres Brasileiras devido à opressão que elas

¹⁹ Programa de Educação e Profissionalização para a Igualdade Racial e de Gênero.

sofriam por parte dos seus companheiros. Como coordenadora do Fórum de Mulheres Negras, Vilma aponta a dificuldade de compreensão das mulheres brancas de classe médias pelo feminismo negro. Acredita ser útil estabelecer um diálogo com o Estado objetivando políticas públicas que beneficiem as mulheres negras. Menciona a sofisticação e sistematização do movimento feminista de Salvador enquanto política para mulheres negras desde a década de 1970, quando se articulam nacionalmente para a III Conferência de Mundial Contra o Racismo na África do Sul, a Conferência de Durban, a Articulação Nacional de Organização de Mulheres Negras, a Coalizão das Mulheres Negras das Américas e o 25 de Julho, Dia Latino Americano e Caribenho das Mulheres Negras.

Segundo Vilma, o movimento de mulheres negras criou repertório e atitude política incontestável para sobreviver à violência, sobretudo por ser considerado não propositivo e radical, sem resultados. Acredita no investimento da reversão de valores, mentalidades e costumes sobre as mulheres negras, por esta não ser reconhecida com sujeito do conhecimento. Crê numa agenda política fora do controle dos partidos políticos, por não serem agendas partidárias. O que a toca: a solidão da mulher negra, por serem últimas a serem escolhidas no campo afetivo, e as primeiras a serem abandonadas, suas relações e laços afetivos não se consolidam. Fato silenciado no movimento. Agradece a sua avó este seu posicionamento político, cresceu acreditando ser dona de seu corpo. Quanto “a chegar lá” só considera que chegou quando abraçar o coletivo. Porém, as pessoas de destaque devem servir como espelho incentivando outras a crescerem e sonharem porque enquanto existir opressão de mulheres negras “nenhuma chegou lá”. Crê que o poder da mulher negra extrapola o que está posto na literatura, é uma condição para a mulher negra sobreviver.

Lindinalva Barbosa – É Omorixá Oyá do Terreiro do Cobre, Graduada em Letras e Mestranda em Estudos de Linguagem da Universidade Estadual da Bahia. É representante da Fundação Palmares em Salvador e Secretária do Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA. Ratifica a dificuldade das mulheres negra em se auto-afirmarem, principalmente na academia, por ter sido um lugar para mulheres brancas em curso de prestígio, a exemplo de

medicina e direito. Na academia muitas vezes seus temas de investigação são definidos como discurso “militante” na tentativa de minimizar as pesquisas. Traz à baila algumas conquistas que abrangem as mulheres negras, mas assinala a necessidade de minimizar a violência sofrida por essas como a doméstica, a moral, a perda de filhos, maridos e irmãos para o tráfico e violência policial, o desemprego e salário indigno. Abaliza que historicamente as mulheres negras têm poder, pois estas eram comerciantes desde o pós-abolição, negociavam nos planos econômico e religioso. Assumem cargos de gestão e administrativos, porém é necessário que mais mulheres negras adentrem a universidade porque precisam superar as conseqüências desse processo, para acreditarem em si como pessoas inteiras e capazes de exercer a sua humanidade na totalidade.

Intelectuais africano-americanas - Linda La Rue – Graduada em Ciências Política na Purdue University. Questiona o reconhecimento tardio da cidadania das mulheres negras em relação às brancas, acusa os negros norte-americanos em meio à luta por libertação ter se contaminado pelo ideal egoísta norte-americano. Não crê numa aliança possível entre mulheres brancas e negras(os). Os homens porque são *oprimidos* – injustiçados, severamente, rigorosamente, cruelmente e duramente agrilhoados; as mulheres brancas são *suprimidas* – controladas, contidas, excluídas da atividade consciente e pública e vê no matriarcado a inversão de papéis. Denota que os pobres competem entre si por recursos escassos, os ricos por melhores oportunidades e recursos e homens e mulheres negras(os) devem rejeitar a idéia de superioridade masculina e inferioridade feminina, porque perpetua o racismo mantendo os negros divididos. Postula a libertação das mulheres negras e dos homens negros como interdependente, requerendo a rejeição da inferiorização das mulheres negras, bem como a competição entre os homens e a reafirmação do respeito pelo ser humano em geral. Rebate o argumento que a liderança exercida pelas mulheres negras é a causa dos problemas dos negros *The Moynihan Report* (1965).

Frances Beale (Nova Iorque, 1940). É jornalista, aposentada, vive em São Francisco, ativista desde 1958. Fundou em a Comissão pela Liberdade de Mulheres Negras em 1966 e em 1970 dirige a Aliança de Mulheres Negras. Foi Secretária do Congresso Radical

Negro e Pesquisadora no projeto de Justiça Racial da ACLU, Califórnia. No seu artigo *Double Jeopardy*, critica o capitalismo em sua prática e o efeito devastador para homens e mulheres negras, anulando a força destes indivíduos dividindo-os, alienando mulheres negras a domésticas, impedindo sua participação na revolução. Que a superação do capitalismo é o empoderamento do homem segundo o desejo da mulher, não deste subalternizá-la, isto é contra-revolução. Defende o perfil de mulher negra não apenas como *cuidadora*, diz que esse tipo de dominação é contrária, assim como a sedução da mulher negra pelo modelo burguês, por esta representar força de trabalho subalternizador. Acusa o homem branco pobre de também opressor se julgando superior, bem como o sindicato norte-americano de racista. Vê na libertação do povo negro a libertação do oprimido. Aponta como destrutiva a campanha de esterilização da mulher não-branca uma tentativa de controle desta população por método genocida cirúrgico, e os EUA por apoiar clínicas em países pobres tendo na mulher negra o seu alvo, aponta a morte por aborto excessiva em mulheres negras por não ser o aborto legal. Entende os movimentos de mulheres brancas monolítico, vê apenas o machismo como opressor da mulher e não considera outros modelos de opressão sofrida pelas mulheres negras. É anti-homem, de classe média e se opõe a exploração sexual e o das mulheres negras, se opõe ao sistema e a luta contra a exploração capitalista e racista dos negros. Acredita na mudança de padrões cotidianos para igual participação de homens e mulheres negras.

TECENDO CONSIDERAÇÕES

O estudo mostrou a distância na figura do docente e discente em superar a concepção de poder, papéis desempenhados por homens e mulheres negras e na compreensão dos meandros do racismo e sexismo. A aproximação das pesquisas acadêmicas no ambiente escolar pode colaborar na compreensão do feminismo negro e branco e dos efeitos do sexismo e do racismo. As breves biografias apresentadas visibilizam as personalidades e suas lutas antirracistas, assim dialogar com intelectuais africanas(os) e da diáspora é um dos caminhos a percorrer enquanto afrodescendentes. Os homens são

convidados e refletirem a partir da exposição acima. Devendo observar que sua postura é oriunda de um sistema que busca na dominação e hierarquização homens/mulheres, a divisão social e a subalternização de um em função de outro. A tensão não deve ocorrer no sentido de gerar dominação e sim equidade e aproximação de uma forma paritária para alcançar a alteridade que constrói a humanidade que é direito de todos.

REFERÊNCIAS

- BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**. vol 3. n 2. Rio de Janeiro, 1995.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. A mulher negra no mercado de trabalho. *In: Estudos Feministas*. Rio de Janeiro. Vol. 3. n, 2. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ. 1995 p. 479-489.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Brtrand Brasil. 1930.
- CALDWELL, Kia Lilly (2000). Fronteiras da diferença. **Revista Estudos Feministas**. Vol.8. n. 2. 2000.
- CARNEIRO, Suely. Gênero, raça e ascensão social. *In: Estudos Feministas*. Rio de Janeiro. Vol. 3, n, 2. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ. 1995. p.544-553.
- Flávia de Jesus. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- FIGUEIREDO, Ângela (2008). Dialogando com os estudos de gênero e raça. *In: Raça: Novas perspectivas antropológicas*. Salvador, EDUFBA 2008.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje** 2. ANPOCS. Brasília. 1983. p.223-244.
- GUY_SHEFTALL. Beverly. **Words of fire anthology of african-american feminist thought: “Frances Beale”** 1995. p. 145-156. “Linda La Rue,” p. 163-174.
- HOOKS, Bell . Intelectuais Negras, *In Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3. n.2. 1995. p. 464-469.
- ILÊ AIYÊ. Cadernos de Educação do. Candaces rainhas do império Méroe. Salvador, v8, pp. 7-63. 2008.

MICHEL. Microfísica do poder. Org. e trad. de Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.

MOORE, Carlos. Racismo e sociedade. Novas Bases Epistemológicas para Entender o Racismo. Belo horizonte: Mazza Edições, 2007, pp. 148-157.

OLIVEIRA, Valnísia de. Resistência e fé: fragmentos da vida de Valnísia de Aiyrá. São Paulo: All Print Editora, 2009.

SADLLER, Darlene J. Pós-colonialismo, feminismo, e a escrita de mulheres de cor nos Estados Unidos. http://www.letras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/Volume8/Darlenepocolonialismo.htm. Acesso 16/07/2009.

SANTOS. Juana Elben dos. **Os nãgõ e a morte**: pàde, asèsè e o culto égun na Bahia. Tradução UFBA. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para a análise. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V. 20. 1995. p. 71-99.

STOLKER, Verena Sexo está para gênero assim como raça para a etnicidade? **Estudos-Asiáticos**. Vol. 20. Rio de Janeiro. 1990. p. 101- 117.

SUARÉS, Mireya (1991). As categorias “mulher” e “gênero” no pensamento brasileiro. **XV Encontro anual da ANPOCS**. Caxambu. 1991.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP: EDUSC. 2001. p. 9-51.

STOLKE, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. **Revista Estudos Feministas**. Vol.12. n.2. Rio de Janeiro. 2004. p.77-105.

Recebido: 20/06/2012

Aprovado: 02/10/2012